

**Constituição, participação, e reificação em uma comunidade de prática
paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil: um estudo sobre o QRCA
- Qualitative Research and Critical Accounting**

VAGNER DE OLIVEIRA MAGRINI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

MARLI AUXILIADORA DA SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

SILVIA PEREIRA DE CASTRO CASA NOVA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Constituição, participação, e reificação em uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil: um estudo sobre o QRCA – *Qualitative Research and Critical Accounting*

1 INTRODUÇÃO

Comunidade de prática (CoP) é um conceito criado por Etienne Wenger e Jean Lave em 1991. Descreve um grupo de indivíduos que comungam um interesse comum e se unem em prol desse interesse. Em conjunto, eles trabalham para encontrar caminhos a fim de aperfeiçoar o que fazem, transmitindo seus conhecimentos e aprendendo uns com os outros, de modo a construir algo em comum a todos por meio do engajamento e da participação mútua. O que caracteriza uma CoP é a capacidade de participação dos seus membros, e o desenvolvimento de maneiras compartilhadas de buscarem interesses em comum. Em alguns casos, o sujeito pode ser um membro do núcleo da comunidade, tendo uma participação mais efetiva; e em outros casos pode ter uma participação mais periférica, em que, apesar de ser um membro da comunidade, não participa efetivamente de todas as atividades, tendo, portanto, uma participação menos representativa (Ferreira, Helal, & De Paiva, 2015; Wenger, 1998).

Ao pensarmos o processo de aprendizagem através da participação em CoP, algumas considerações podem ser feitas: i) o engajamento dos indivíduos torna o processo de aprendizagem, através da prática, mais fácil, pois os mesmos estão dispostos a aprender; ii) por meio da aprendizagem e da participação dos indivíduos, as práticas são aperfeiçoadas favorecendo a continuidade da comunidade através de uma participação mais efetiva dos seus membros, assim como a inclusão de novos membros, o que colabora para a permanência e a continuidade da comunidade ao longo do tempo (Ferreira *et al.*, 2015; Lave & Wenger, 1991).

Segundo Wenger (1998), para que exista coerência nas práticas negociadas pelos membros do grupo fazendo com que este se caracterize como uma CoP, algumas dimensões da prática precisam existir, como o engajamento, o empreendimento conjunto e a existência de um repertório compartilhado. Desta forma, é necessária a existência de um compromisso mútuo dos participantes da comunidade na busca por empreendimentos conjuntos que mobilizem e compartilhem seus repertórios, tendo como objetivo a aprendizagem coletiva.

Nesse artigo, nosso foco recai sobre comunidades de prática em pesquisa contábil. Por isso, é relevante compreender a natureza da pesquisa na área. Ao estudar o campo da contabilidade, percebe-se que a pesquisa é norteada por pressupostos epistemológicos. Segundo Hopper e Powell (1985), esses pressupostos podem ser entendidos através de um modelo categórico. Esse modelo divide os paradigmas de pesquisa em contabilidade em: a) pesquisa *mainstream* (funcionalista), b) pesquisa interpretativista, e c) pesquisa crítica. Cada paradigma utiliza diferentes teorias e métodos de análise da realidade social, que influenciam a condução da pesquisa e proporcionam variados entendimentos dos fenômenos estudados.

Baseadas em Smith (2011), Lourenço e Sauerbronn (2016) destacam que a pesquisa *mainstream* (funcionalista) vem dos estudos clássicos nos quais a realidade é unitária e deve ser compreendida a partir de perspectivas empíricas e analíticas. Nessa abordagem se busca a produção de evidências e leis generalizáveis e a objetividade, sendo que “os interesses inerentes a esse tipo de pesquisa são previsão e controle, conhecimento tecnicamente explorável, e explicação” (Lourenço & Sauerbronn, 2016, p. 103).

No que se refere à pesquisa interpretativista, os estudos buscam o entendimento subjetivo dos indivíduos, considerando a possibilidade de existência de diferentes realidades, que exigem habilidades sociais, linguísticas e cognitivas do pesquisador (Lourenço & Sauerbronn, 2016). As autoras destacam que “os interesses inerentes à pesquisa interpretativa são compreender, no nível da linguagem ordinária e ação, e descobrir os significados e crenças subjacentes às ações dos outros” (Lourenço & Sauerbronn, 2016, p. 103).

Já a pesquisa crítica, como ressaltam Lourenço e Sauerbronn (2016), é composta por estudos críticos e interpretativos que se debruçam em contextos em que existem múltiplas realidades que apresentam diferentes problemáticas. Esses estudos são realizados a partir da observação interpretativa e de uma autorreflexão crítica sobre a própria observação sendo o

resultado “[...] o conhecimento que se insere no quadro interpretativo, mas que também serve o objetivo de auxiliar a libertação e entendimento pessoal, e emancipação das forças que limitam a independência racional dos indivíduos” (Lourenço & Sauerbronn, 2016, p. 103).

Assim, consideramos que uma comunidade de prática paradigmática em contabilidade é composta por pessoas-membro que se unem ao abraçar um mesmo paradigma de pesquisa. Ou seja, consideramos que, a partir dos paradigmas utilizados na pesquisa em contabilidade, pesquisadores e pesquisadoras contábeis podem formar comunidades de prática paradigmáticas que podem ser: a) funcionalistas/positivistas, b) interpretativistas, e c) críticas. Essas comunidades serão então responsáveis pela produção e disseminação do conhecimento contábil dentro daquele paradigma de pesquisa.

Caracterizando a pesquisa contábil, diferentes autores, como Bilhim e Gonçalves (2021), Rodrigues, Borges, Silva e Santana (2011), Homero Júnior (2017), Lourenço e Sauerbronn (2016), e Major (2017), ao longo do tempo, evidenciam que há uma dominação das pesquisas positivistas na produção do conhecimento contábil, e fazem críticas tanto às limitações dessas pesquisas quanto à pouca adoção de outras posturas teóricas e metodológicas no campo contábil, visto que os pesquisadores não se aprofundam nos demais paradigmas, reafirmando a hegemonia positivista.

Sendo assim, diante da necessidade das pesquisas que demonstrem as potencialidades analíticas de outras posturas epistemológicas em pesquisa na construção, realização e disseminação do conhecimento contábil, e visando consolidar a ampliação da pluralidade paradigmática no campo das pesquisas na área para além do paradigma dominante, busca-se nesta pesquisa o entendimento acerca das experiências, no campo da pesquisa contábil, no sentido de transformar a concentração de estudos no âmbito do *mainstream*. Mais especificamente, essa pesquisa terá como foco de análise as iniciativas da rede do QRCA.

As dimensões da prática dentro de uma CoP podem ser entendidas como a existência de um compromisso mútuo de seus participantes na busca por empreendimentos conjuntos que mobilizem e compartilhem seus repertórios com o objetivo da aprendizagem coletiva (Wenger, 1998). Entendemos que a rede QRCA abarca essas dimensões, visto ser formada por pesquisadores interessados em abordagens ‘alternativas’ de pesquisa contábil, nas quais podem apoiar suas propostas de pesquisa e trabalhos em andamento para uma audiência receptiva, além de produzir e fomentar diferentes práticas de pesquisa na busca pelo conhecimento. Considerando as características elencadas, a rede QRCA foi escolhida intencionalmente como objeto dessa pesquisa.

Sabendo das diferenças existentes ao analisarmos os paradigmas interpretativista e crítico de pesquisa, que serão evidenciadas ao longo da fundamentação teórica, optamos neste estudo por focar nas convergências que unem os dois paradigmas, como, por exemplo, suas construções antipositivistas e sua forma de entender a realidade de maneira subjetiva (Chua, 1986; Hopper & Powell, 1985). Considerando também que a rede QRCA abrange práticas que envolvem os dois paradigmas de pesquisa, estes serão tratados em conjunto neste estudo.

A partir do exposto, busca-se responder a seguinte questão de pesquisa: Quais os elementos caracterizam a rede QRCA como uma CoP paradigmática em pesquisa contábil interpretativa e crítica? Compreender os elementos que caracterizam o QRCA como uma CoP paradigmática em pesquisa contábil interpretativa e crítica, é, portanto, o objetivo principal da pesquisa. Igualmente, busca-se com a presente pesquisa, oferecer uma compreensão acerca dos elementos que caracterizam a rede QRCA como uma CoP paradigmática em pesquisa contábil interpretativa e crítica. Por meio da análise de conteúdo das práticas desenvolvidas pela rede QRCA esperamos lançar luz a uma temática ainda pouco estudada na contabilidade, identificando caminhos possíveis para a ampliação paradigmática do campo da pesquisa contábil, corroborando com Vogt, Silva e Valle (2021, p. 67) que argumentam que “[...] se não for pela quebra de paradigmas, como vamos produzir esse novo homem e novo olhar?”

Justifica-se, este estudo, pela necessidade de se superar a dominação do paradigma positivista na pesquisa contábil, visto que é um elemento limitante da compreensão ampla dos fenômenos contábeis (Bilhim & Gonçalves, 2021; Homero Junior, 2017; Lourenço &

Sauerbronn, 2016). É essencial fomentar aspectos que contribuam para a transformação e a ampliação do campo epistemológico contábil, de modo a contribuir para a ampliação das discussões acerca das mudanças paradigmáticas no campo investigativo e científico contábil.

A partir do entendimento de que a contabilidade é uma ciência social aplicada e que as interações entre pesquisadores e pesquisadoras são necessárias para seu fortalecimento, esta pesquisa intenta trazer uma visão interativa dos relacionamentos estabelecidos em uma CoP cujos membros se dedicam a investigações contábeis com abordagens qualitativas, interpretativistas e críticas. Essa pesquisa anseia apontar, igualmente, para a identificação dos avanços epistemológicos que podem ser alcançados por meio do estabelecimento de CoPs.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Comunidade de Prática: definições e características

No trabalho de Lave e Wenger (1991), na obra *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, os autores apontam que a aprendizagem deve ser pensada numa perspectiva que considera conjuntamente: a) a noção de prática, b) a pessoa e sua identidade, e c) o mundo social. Assim, a aprendizagem em CoP considera a pessoa como um todo, agindo e interagindo com o mundo, sendo que a participação envolve sempre negociação e renegociação de significados e experiências que estão em constante interação e transformação. Dessa participação resulta uma transformação pessoal devido às diversas possibilidades permitidas e contidas nessa prática social das comunidades, nas quais o pensamento e a ação das pessoas em atividade acabam compondo suas identidades.

A partir dessas noções, Lave e Wenger (1991) introduzem o conceito de participação periférica legítima, e afirmam que ela permite “uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e, também, sobre atividades e identidades. Esse conceito diz respeito ao processo pelo qual os novatos se tornam membros de uma Comunidade de Prática” (Lave & Wenger, 1991, p. 29). O processo de participação periférica legítima leva os novatos a participarem da comunidade, de maneira que aos poucos adquiram conhecimento e prática, ao ponto de tornarem sua participação plena nas práticas socioculturais dessa comunidade. “A perifericidade sugere que existem múltiplos, variados e mais ou menos engajados e inclusivos meios de estar localizado nos campos de participação definidos por uma comunidade” (Lave & Wenger, 1991, p. 36), resultando em diferentes formas de pertencimento.

O engajamento em uma comunidade de prática, por sua vez, se vincula ao entendimento da aprendizagem como um constituinte integral. Desta forma, não há uma participação periférica ilegítima. A legitimidade da participação é uma condição essencial para aprendizagem e uma característica constitutiva de seu conteúdo. Assim, a “aprendizagem não é meramente uma condição para ser membro, mas é em si mesma uma forma evolutiva (*evolving*) de tornar-se um membro de uma comunidade” (Zaccarelli, 2011, p. 18).

Os propósitos de uma pessoa em aprender carregam em si seus engajamentos. Os significados da aprendizagem, aos poucos, vão tornando-a uma participante efetiva em uma prática sociocultural. As diversas relações estabelecidas entre novatos e experientes através das atividades, identidades, conhecimento e prática, buscam fomentar esse caminho para a participação efetiva e plena. Nesta concepção, a aprendizagem é, portanto, “um aspecto integral e inseparável da prática social” (Lave & Wenger, 1991, p. 31).

Num segundo momento, em 1998, no livro *Communities of Practice: learning, meaning and identity*, o conceito de CoP sofreu algumas modificações passando a ser definido em função da aprendizagem coletiva e empreendimentos compartilhados.

[...] Na medida em que definimos estes empreendimentos e nos engajamos conjuntamente em sua busca, interagimos uns com os outros e com o mundo e afinamos nossas relações... Em outras palavras, nós aprendemos. No decorrer do tempo, esta aprendizagem coletiva resulta em práticas que refletem tanto a consecução de nossos empreendimentos quanto o atendimento de relações sociais. Estas práticas são então a propriedade de um tipo de comunidade criada ao longo do tempo por uma busca sustentada de um empreendimento compartilhado [...] (Wenger, 1998, p. 45).

Nesse novo entendimento sobre comunidade de prática, os termos engajamento em conjunto e empreendimento compartilhado são elementos centrais na discussão das práticas na formação de uma comunidade. Ao analisarmos as obras de Lave e Wenger (1991) - enfocando a participação periférica legítima -, e de Wenger (1998) - abordando o engajamento em conjunto e o empreendimento compartilhado - percebemos que mesmo com a mudança no conceito sobre CoP, os termos principais da teoria de comunidade de prática continuam presentes, sendo eles: a aprendizagem e a formação da identidade.

A prática deve então ser compreendida como um evento social, carregado de contexto e história, formadora da base e dos significados que congregam a comunidade. Ou seja, é através da prática e dos seus atributos que as pessoas formam as comunidades e fazem as atividades inerentes à própria comunidade. Essa representatividade através da prática é carregada de elementos explícitos e implícitos – como documentos, ferramentas, imagens, visões de mundo, e intuição, por exemplo. “O conceito de prática realça o caráter negociado e social do que existe de explícito e tácito em nossas vidas” (Wenger, 1998, p. 47). A negociação dentro da CoP, importa destacar, refere-se tanto à resistência quanto à maleabilidade, o sentir e ser sentido, afetar e ser afetado. É um processo dinâmico, passivo e ativo que engloba uma multiplicidade de perspectivas e significados que podem, ou não, contribuir para o fortalecimento da comunidade.

Outro aspecto da prática é o sentido de coerência que ela transmite à comunidade. Para Wenger (1998), três dimensões da prática, enquanto propriedades de uma comunidade são responsáveis por transmitir esse sentido de coerência. Na primeira dimensão – engajamento mútuo - as pessoas se engajam juntas em ações que acreditam e através da negociação geram significados que são aprendidos e compartilhados. Há o comprometimento com os outros membros da comunidade, além de um espírito de cordialidade nas atividades desenvolvidas pelo grupo. Esse engajamento pode ocorrer de diversas formas: presencialmente, ou por uma conversa ao telefone, uma troca de mensagens pelo aplicativo, ou o envio de um *e-mail*.

Ainda no tocante à coerência, na segunda dimensão – o empreendimento conjunto - como resultado de uma negociação, as pessoas se envolvem em um empreendimento comum, o que gera e direciona a energia social da comunidade. Para Wenger (1998, p. 82), o empreendimento em conjunto “é uma fonte de coordenação, de senso de fazer, de engajamento mútuo, como o ritmo de uma música”. Ele faz com que os membros se sintam pertencentes a um grupo, gerando um sentimento de responsabilidade mútua.

Já na terceira dimensão, o desenvolvimento de repertório compartilhado – o empreendimento conjunto cria, ao longo do tempo, um repertório que se constitui em recursos que foram criados e estão à disposição da comunidade. O repertório compartilhado pode ser entendido como modo de fazer as coisas, o uso de determinadas palavras e rotinas, um simbolismo próprio que é adotado durante o curso de existência da comunidade, e que combina aspectos de participação e reificação que são manifestados através dos discursos e estilos da comunidade (Wenger, 1998). Para Silva (2004), pelos discursos, os membros criam e declaram o significado sobre o mundo; enquanto pelos estilos eles expressam suas formas de relacionamentos e suas identidades como membros.

2.2 Participação e reificação na Comunidade de Prática

O processo de aprendizagem em uma CoP se dá em um contexto social caracterizado por um processo de negociação de significados, que acontece na troca de experiências cotidianas de participação. Essa negociação de significados é formada por outros dois processos subjacentes: o de participação e o de reificação. A participação descreve a experiência social de se viver no mundo, no sentido de tornar-se membro e de se envolver. Para Wenger (1998, p. 56), “a participação é pessoal e social. [...] é um processo complexo que envolve o fazer, o conversar, o pensar, o sentir e o pertencer. Envolve todo o ser, incluindo o corpo, a mente, as emoções e as relações sociais”. No processo de participação está a chave para entender as CoP, pois a participação em suas atividades implica que seus

membros têm um entendimento comum sobre o que a comunidade representa e o que significa para suas vidas, tanto dentro quanto fora dela.

A participação em uma CoP, no entanto, não significa a necessidade de uma delimitação socialmente visível ou mesmo de que ela seja bem definida ou identificável. Uma CoP pode ter membros em diversos níveis de participação, como apresentado por Wenger (2000) e destacados no trabalho de Ipiranga, Faria e Amorim (2008), detalhados no Quadro 1:

Quadro 1 – Níveis de participação em uma CoP

Níveis	Descrição
Núcleo principal	Um grupo de pessoas cuja paixão e envolvimento “oxigenam” a comunidade.
Membro total	Indivíduos que são reconhecidos como praticantes, definem a comunidade e participam do núcleo principal.
Participação periférica	Pessoas que pertencem à comunidade, mas com grau menor de envolvimento, tanto porque ainda são consideradas novatas, como porque não têm ainda muito compromisso pessoal com a prática.
Participação transacional (ou ocasional)	Pessoas de fora da comunidade que, ocasionalmente, interagem com ela, visando a receber ou fornecer serviços - não são, necessariamente, membros da CoP.
Acesso passivo	Uma ampla diversidade de pessoas que têm acesso aos artefatos produzidos pela comunidade, como suas publicações, seus sítios na Web ou suas ferramentas.

Fonte: Adaptado de Ipiranga, Faria e Amorim (2008, p. 154).

A aprendizagem social está pautada na participação. Assim, quanto maior o engajamento nas atividades das comunidades, maior será o aprendizado. Para as comunidades, por meio da participação e da aprendizagem, as práticas são aprimoradas e garantem sua manutenção e continuidade pois, com a entrada de novas gerações de participantes, há a perpetuação da prática (Ferreira *et al.*, 2015).

Já a reificação vem no sentido de tratar uma abstração substancialmente como existência, de tornar algo abstrato em concreto. Silva (2004) explica que, junto com a participação, a reificação é utilizada para descrever o engajamento das pessoas na busca da produção de significados. Para Wenger (1998, p. 58) “etimologicamente, o termo reificação significa ‘tornar uma coisa’”, mas, na língua inglesa, o vocábulo reificação tem outro sentido, sendo “[...] usado para transmitir a ideia de que o que é transformado em um objeto material concreto não é propriamente um objeto material concreto”. A reificação, portanto, pode ser entendida como o processo de dar forma às experiências que vivemos; é a materialização de nossas experiências em objetos, não necessariamente concretos. Nesse processo de materialização estão incluídos “o fazer, o projetar, o representar, o nomear, o codificar e o descrever, assim como a percepção, a interpretação, o uso, o re-uso, a decodificação e o relançamento” (Wenger, 1998, p. 59).

Assim, toda a prática, toda experiência pode ser materializada de alguma forma, e a reificação é uma forma de moldá-las, de torná-las materiais. Para tanto, destacam Ipiranga *et al.* (2005) e Silva (2004), existe uma extensa variedade de formas: uma fotografia, a construção de uma casa, um software, uma encenação, um dizer, uma simples palavra, ou mesmo um argumento complexo de difícil entendimento. Como destaca Wenger (1998, p. 62), “a participação e a reificação não podem ser consideradas de forma isolada. Elas formam um par. Elas formam uma unidade nas suas dualidades. Para entender um é necessário entender o outro”. Dessa forma, as CoP são caracterizadas pelo seu contexto sócio-histórico, em que o aprendizado social acontece por meio da participação e da reificação, gerando a negociação de significados. Após entendidos os conceitos principais relacionados às CoP, no próximo tópico traçaremos algumas considerações sobre os paradigmas de pesquisa em contabilidade. Isso porque, nesse artigo, buscamos compreender os elementos constitutivos da rede QRCA como uma comunidade de prática paradigmática em pesquisa em contabilidade.

2.3 Considerações sobre os paradigmas interpretativo e crítico

O paradigma interpretativo é descrito por Smith (2011) como pautado em estudos que buscam o entendimento subjetivo dos indivíduos, considerando a possibilidade de existência

de diferentes realidades, que exigem habilidades sociais, linguísticas e cognitivas do pesquisador. Lourenço e Sauerbronn (2016, p. 103) destacam que “os interesses inerentes à pesquisa interpretativa são compreender, no nível da linguagem ordinária e ação, e descobrir os significados e crenças subjacentes às ações dos outros”. No que se refere ao paradigma crítico, Lourenço e Sauerbronn (2016) ressaltam que ele é composto por estudos interpretativos que se debruçam por contextos em que existem múltiplas realidades que apresentam diferentes problemáticas. Para as autoras (2016) estudos críticos são realizados a partir da observação interpretativa e de uma autorreflexão crítica sobre a própria observação.

Baker e Bettner (1997) destacam que a principal distinção entre uma pesquisa interpretativa e uma crítica é a disposição da pesquisa crítica em assumir uma posição particular em relação ao propósito da pesquisa, buscando por implicações políticas e sociais caracterizadas pela crítica e pela mudança. No entanto, Gendron (2018) salienta que os limites entre os paradigmas interpretativo e crítico são tênues e eles, por vezes, são frequentemente confundidos, isso porque compartilham de bases epistemológicas semelhantes. Homero Júnior (2021) diferencia o paradigma crítico do interpretativo ao ressaltar que a pesquisa crítica tem um comprometimento com a noção de justiça social, sendo caracterizado por um sentido de mudança, rejeitando a neutralidade como valor norteador da pesquisa, mas ele entende também que a junção desses dois paradigmas sobre a mesma ótica possui méritos de ordem pragmática, sobretudo pela incipiência de sua adoção na pesquisa contábil brasileira.

A adoção dos dois paradigmas é frequentemente atribuída à realização de pesquisas com uma abordagem qualitativa. Contudo, consideramos que é necessário tomar cuidado com essa afirmação. Mesmo tendo em vista que a utilização dos paradigmas interpretativo e crítico implique o uso de uma abordagem de pesquisa qualitativa é preciso atentar ao que se considera como pesquisas qualitativas positivistas ou pós-positivistas. Deve-se ter atenção, pois, por vezes, uma pesquisa com abordagem qualitativa pode ser imediatamente entendida como uma pesquisa interpretativa, ou mesmo crítica, quando na verdade é uma pesquisa qualitativa positivista ou pós-positivista. Assim, para a ativa contestação do uso de premissas positivistas usuais nas práticas de pesquisa contábil, os pesquisadores e pesquisadoras interpretativos e críticos devem desenvolver iniciativas individuais e em grupo, como a formação de redes e de comunidades que tenham por objetivo fomentar e ampliar os espaços para as abordagens interpretativas e críticas dentro do campo de pesquisa contábil.

Uma crítica trazida por Homero Júnior (2021, p. 235), é que as pesquisas interpretativas e críticas “limitam-se a temas periféricos no campo, é, em grande parte, voluntária, denotando uma busca por uma zona de conforto que minimize os riscos inerentes à adoção de estratégias de contestação no campo científico.” Concordando com o autor (2021), acreditamos que os pesquisadores e pesquisadoras interpretativos e críticos devam, cada vez mais, adotar estratégias que subvertam a legitimação e dominação do campo de pesquisa contábil, inclusive adotando esses paradigmas de pesquisa para o estudo de temas entendidos em determinados períodos como centrais em pesquisa contábil. No entanto, discordamos de que se trata de uma contestação, porque implicaria em uma vigilância onto-epistemológica que traria o risco de reproduzir a dominação que ora pretendemos questionar, apenas que por um outro paradigma de pesquisa. Entendemos, assim, que a construção e a consolidação de CoP paradigmáticas poderia implicar em uma salutar diversidade em pesquisa. Também nos parece que a eleição de algumas temáticas como centrais enquanto a outros temas seria relegado o papel de marginais e reproduz um pensamento de ranquear a importância de algo em detrimento de outro, limitando a inovação em pesquisa em determinado campo.

Sobre as estratégias que subvertam a legitimação e dominação do campo de pesquisa contábil, Magrini, Santos, Silva e Soares (2022) apontam como ações que promovam essa mudança: a) práticas que garantam o respeito ao contraditório nas diferentes etapas formativas no campo da contabilidade, estimulando a diversidade e a convivência entre as diferentes de formas de se compreender a realidade; b) investimento no caráter de multiplicidade paradigmática na formação dos pesquisadores, pesquisadoras, professoras e professores no campo contábil, evidenciando as teorias e métodos de análise da realidade social, que

proporcionam variados entendimentos acerca dos fenômenos estudados; c) estímulo, nos programas de pós-graduação e nos programas de iniciação científica à realização de pesquisas interpretativas e críticas; d) incentivo a uma política editorial que contemple a publicação de artigos com abordagens diferentes do *mainstream*, promovendo uma busca ativa por estratégias que consolidem essa abertura, como oficinas de desenvolvimento de artigos, iniciativas de qualificação de pessoas revisoras e, muito importante, estabelecimento de editorias associadas para a solidificação desse incentivo em ação.

Considerando a discussão sobre a pesquisa interpretativa e crítica em contabilidade e os pressupostos apresentados sobre comunidade de prática, adotamos nesta pesquisa, partir de Magrini (2023), que uma comunidade de prática paradigmática, é uma comunidade formada por um conjunto de pessoas, pesquisadores e pesquisadoras, professoras e professores, alunas e alunos, que se engajam mutuamente em busca de empreendimentos que visam uma aprendizagem coletiva através do desenvolvimento de pesquisas e práticas que são realizadas em torno de um ou mais paradigmas com o intuito de criar e divulgar um repertório compartilhado que possibilite o aumento da comunidade através da identificação, da sua manutenção e da sua conexão com outras comunidades ou grupos.

Assim, propõe-se nesta pesquisa, como já afirmado, compreender os elementos que constituem a rede QRCA em uma comunidade de prática paradigmática que busca por meio de suas ações o desenvolvimento e divulgação de pesquisas e práticas que tenham por objetivo fomentar a pesquisa qualitativa interpretativa e crítica.

3 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Esta pesquisa se constitui como qualitativa interpretativa, quanto à abordagem e objeto de análise, qual seja a rede QRCA, entendida doravante como uma Comunidade de Prática Paradigmática. A pesquisa qualitativa tem por objetivo o estudo da ação humana e seus significados, buscando as características situacionais de determinada realidade social e tendo como aspecto relevante a proximidade entre o pesquisador, a pesquisadora e seu objeto de estudo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa se contrapõe ao método quantitativo que objetiva a independência em relação ao objeto de estudo, não considerando o contexto da percepção (Fraser & Gondim, 2004; Power & Gendron, 2015).

3.1 Construção do *corpus* de pesquisa

Para a coleta de informações foram realizadas, nos meses de março e abril de 2023, 14 entrevistas semiestruturadas com membros e membras do QRCA, seguindo um roteiro de tópicos para nortear os questionamentos. A seleção de pessoas entrevistadas foi feita a partir de coleta de nomes no *site* do QRCA e por indicação de alguns entrevistados e entrevistadas. Assim, de maneira sequencial, foi feito o levantamento das pessoas participantes da rede no site, e a solicitação de indicação de outras pessoas a serem entrevistadas durante a realização das entrevistas. Análise prévia do currículo Lattes do *corpus*, para confirmação de informações acerca de suas trajetórias, precedeu as entrevistas.

O contato com as pessoas participantes da pesquisa foi realizado mediante encaminhamento de *e-mails*, cujos endereços eletrônicos constam na página *online* do QRCA. Após o contato, convite para participação, e aceite dos entrevistados foram agendadas entrevistas remotas por meio da plataforma de videoconferências *Google Meet*. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. O acesso tanto aos áudios quanto às transcrições das entrevistas ficou restrito às pessoas autoras da pesquisa.

Respeitando a vontade de algumas pessoas entrevistadas que não autorizaram sua identificação, optamos por manter o anonimato de todas as pessoas participantes da pesquisa. Assim, suas falas foram apresentadas a partir da análise do conjunto das entrevistas, considerando os diferentes níveis de formação e seus distintos níveis de participação na comunidade. O conjunto de pessoas entrevistadas é composto por dez docentes doutores e doutoras, dois doutorandos e duas mestrandas. Foram entrevistados pesquisadores e pesquisadoras do Brasil, Colômbia, Costa Rica e Canadá, como se detalha no Quadro 2.

Quadro 2 - Descrição dos entrevistados e tempo das entrevistas

Nº	Ocupação/titulação	País	1ª participação no QRCA	Tempo da entrevista
1	Professora Doutora	Brasil	2018	107 minutos
2	Doutorando	Brasil	2020	62 minutos
3	Mestranda	Brasil	2020	47 minutos
4	Professor Doutor	Brasil	2018	57 minutos
5	Professor Doutor	Costa Rica	2019	52 minutos
6	Professor Doutor	Brasil	2018	90 minutos
7	Professora Doutora	Brasil	2018	42 minutos
8	Professora Doutora	Brasil	2018	92 minutos
9	Mestranda	Brasil	2021	44 minutos
10	Professora Doutora	Brasil	2018	67 minutos
11	Professora Doutora	Colômbia	2018	45 minutos
12	Professora Doutora	Brasil	2018	55 minutos
13	Doutorando	Brasil	2020	71 minutos
14	Professor Doutor	Canadá	2018	90 minutos

Fonte: dados da pesquisa.

A autorização para a realização das entrevistas e utilização das transcrições na pesquisa ocorreu por meio da leitura e concordância expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha o esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e os incômodos que esta poderia acarretar. O estudo, assim como o roteiro semiestruturado de entrevista, foram submetidos ao Comitê de Ética e Pesquisa que aprovou sua realização.

3.2 Análise do *corpus* de pesquisa

Tendo em vista o intuito de compreender a constituição, a participação e os processos de reificação na comunidade de prática paradigmática QRCA, e considerando que os pesquisadores e pesquisadoras entrevistados possuem diferentes níveis de formação e participação na comunidade QRCA, para a análise das evidências foi observado como critério o estágio de participação. Segundo a formulação de Wenger (2020), os participantes de uma CoP podem ser descritos quanto à participação como sendo: do núcleo principal; como membro total; de participação periférica; de participação transacional (ou ocasional); de acesso passivo, cuja descrição consta no Quadro 1.

Os diferentes níveis de participação na comunidade do QRCA foram identificados a partir dos relatos de cada pessoa entrevistada e ancoraram o entendimento da participação de cada uma dentro da comunidade. Nesse sentido, no nosso entendimento, foram entrevistados dois pesquisadores(as) que formam o núcleo principal, quatro pesquisadores(as) que se enquadram como membro total, seis pesquisadores(as) que possuem participação periférica e dois pesquisadores que apresentaram participação transacional. Nenhum dos entrevistados foi identificado com o quinto nível – acesso passivo. Cabe ressaltar, que esses níveis de participação na rede não são fixos, visto que algumas pessoas entrevistadas transitam entre um nível e outro, considerando para esta análise a sua atuação principal.

Após realizadas e transcritas as entrevistas iniciamos a composição do *corpus* da pesquisa, a partir da leitura exploratória do material. Dessa leitura emergiram duas categorias de análise, as quais levam em consideração o embasamento teórico adotado e o conceito de comunidade de prática paradigmática de Magrini (2023). As categorias, que juntas compõem os achados da pesquisa, foram classificadas em: a) a constituição da comunidade QRCA; b) participação e reificação na comunidade. No item seguinte apresentamos a análise dos resultados, subdivididos nessas categorias, que entendemos teórico-empíricas.

Por fim, na última etapa da pesquisa, uma das pessoas-membro da rede QRCA se (re)uniu na interpretação dos achados e, posteriormente, na autoria desse texto. Essa pessoa participa da rede desde sua constituição e trouxe um olhar “de dentro”, de quem viveu o processo desde seu início. Dessa forma, entendemos que pudemos praticar o “distanciamento

próximo”, uma vez que nessa etapa da pesquisa cada uma das pessoas-autoras tinha uma posição em relação à rede, que nos permitia “negociar significados” de nossa interpretação da rede como uma comunidade de prática. Esta composição da equipe de pesquisa nos permitiu recuperarmos a possibilidade de (re)contar a estória da rede QRCA a partir do olhar de quem viveu essa estória, ou seja, nos permitiu ganhar o olhar “de dentro”. Ressaltamos a importância de que a estória seja contada por alguém que a viveu, ecoando as falas das teóricas feministas de que devemos ser nós mesmas a contar nossas estórias.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na análise dos resultados consideramos as experiências trazidas pelos 14 membros e membras do QRCA, cujas falas revelam aspectos relacionados à constituição, participação e reificação desta comunidade de prática. Somada a essas experiências contadas nas entrevistas, está a experiência de uma pessoa-membro que participou/a da rede desde seu início.

4.1 Constituição da comunidade QRCA

Segundo os relatos, o ponto inicial para a formação do QRCA foi um encontro entre acadêmicos e acadêmicas que participavam no Congresso de Contabilidade e Governança (CCG) de 2016, organizado pela Universidade de Brasília. Desde sua primeira edição, em 2015, sob a coordenação da professora Beatriz Morgan, o congresso vinha trazendo um conjunto eclético de palestrantes internacionais, com especial atenção a nomes representativos da comunidade de pesquisa críticaⁱ. Nessa edição em específico, o evento contou com a participação do professor Yves Gendronⁱⁱ. Juntamente com a professora Cheryl Lehman, Yves fora convidado a ministrar um minicurso e uma palestra sobre pesquisa crítica qualitativa.

Entre acadêmicos e acadêmicas brasileiros que participavam naquele ano do CCG já ocorriam diálogos sobre o envolvimento com a pesquisa crítica em contabilidade e discussões acerca da necessidade de se formar um grupo para fomentar as práticas em relação à pesquisa crítica qualitativa. Houve então um encontro entre esse grupo de acadêmicos brasileiros com os professores Cheryl Lehman e Yves Gendron. Dos diálogos entre o professor Yves, a professora Cheryl, e acadêmicos brasileiros, dentre os quais a professora Silvia Casa Nova e o professor André Aquino, ambos docentes da Universidade de São Paulo surgiram ideias de se organizar encontros e iniciativas voltados à pesquisa crítica qualitativa naquela universidade.

Após seu retorno ao Canadá, o professor Yves estabeleceu contato com as outras coeditoras da CPA, as professoras Christine Cooper e Jane Andrew, para conhecimento da opinião delas sobre a possibilidade de a revista se envolver no apoio a organização em algum evento na USP, a fim de construir laços com a América Latina. Depois de receber o apoio delas à iniciativa, ele enviou e-mail à professora Silvia Casa Nova e ao professor André Aquino perguntando se eles teriam interesse e condições de organizar uma oficina ou *workshop* que reunisse algumas pessoas para uma discussão sobre pesquisa qualitativa, interpretativa e crítica, no Brasil. Seguiram-se várias reuniões e a composição de equipes na Faculdade de Economia, Administração (FEA), tanto de São Paulo quanto de Ribeirão Preto, para apoiar na organização do evento. Assim, foi a partir dessa provocação, do aceite e organização do *workshop* pela professora Silvia Casa Nova e pelo professor André Aquino, com a colaboração de outras pessoas que se engajaram para a realização desse evento, que é constituído o grupo que depois se reuniria na criação da rede QRCA.

O primeiro encontro aconteceu no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, entre os dias 29 de outubro e 01 de novembro de 2018. Nesse primeiro encontro, entre outras atividades, ocorreram duas palestras com os temas “A superficialidade da sociedade contemporânea” e “O que é pesquisa crítica qualitativa e suas tendências”. Houve ainda a realização de um seminário com o tema “A contabilidade como tecnologia de governamentalidade neoliberal” e uma “Reunião com editores” com a participação de editores de quatro revistas científicas da área contábil: Yves Gendron, da revista *CPA*; Fábio Frezatti, da Revista Contabilidade & Finanças (RCF); Fernanda Sauerbronn, da Revista Sociedade, Contabilidade e Gestão (SCG); e André Aquino, da Revista de Contabilidade e

Organizações (RCO). Também ocorreram discussões de projetos no consórcio doutoral e apresentação das 32 pesquisas completas e em desenvolvimento aprovadas para o encontro.

Entre os 14 pesquisadores e pesquisadoras entrevistados nesta pesquisa, oito participaram desse primeiro encontro, seja na organização, na apresentação de trabalhos e/ou participando nas demais atividades desenvolvidas. O primeiro ponto de destaque em alguns dos relatos é que não se esperava que nesse primeiro encontro houvesse tamanha adesão em relação ao número de participantes. Um dos entrevistados comentou que *“eram esperadas mais ou menos entre dez ou quinze pessoas e vieram sessenta para o workshop”*. Foi então uma surpresa que tantas pessoas estivessem, naquele momento, interessadas em participar de um *workshop* sobre pesquisa crítica qualitativa. Sobre isso, uma entrevistada disse: *“eu acho que ninguém sabia que nós tínhamos esse tamanho”*.

A participação de 60 pessoas já na primeira edição do *workshop* revelou a falta de espaços de debate sobre pesquisa fora do *mainstream* no âmbito da contabilidade brasileira. O clima hospitaleiro, colaborativo e intimista, no qual as pessoas estavam muito receptivas para tudo o que estava acontecendo, também foi lembrado pela maioria das pessoas entrevistadas como algo muito importante, que caracterizou o evento. De uma maneira geral, todas relatam ter boas recordações desse primeiro encontro. Na transcrição da fala de duas entrevistadas, apresentadas na sequência, os nossos grifos nas transcrições de relatos denotam as percepções rememoradas sobre o evento:

[...] **estava todo mundo ali com essa sede de aprender**, de ver o que está sendo feito, pra ver como é que eu posso fazer também, né. (...) E tiveram várias dinâmicas de pequenos grupos nos intervalos. Pra fazer algum tipo de atividade ali em grupos de quatro, cinco pessoas e aí a comunidade conseguiu se conhecer.

Na USP foi **muito rico o momento**. Todas as pessoas ficaram, eu acho que a unanimidade é a **satisfação com relação ao QRCA** de 2018. E vieram várias pessoas da Colômbia, veio Yves, vieram pessoas do Brasil, [tanto] que estavam iniciando e [quanto] que já tinham um caminho em pesquisa crítica.

A participação do professor Yves também foi destacada por outras pessoas entrevistadas, que se sentiram valorizadas por participar de um evento em que um pesquisador crítico qualitativo de renome internacional estava debatendo os artigos aprovados para apresentação e discutindo a pesquisa qualitativa, interpretativa e crítica. A importância da figura do pesquisador Yves Gendron, e igualmente o apoio recebido da revista que ele representa - a CPA, colaborou para dar legitimidade ao evento e para que as pessoas participantes se sentissem imbuídas, mesmo que inicialmente, por um sentimento de pertencimento, por um entendimento de que não estavam sozinhas, e de que havia um espaço que lhes proporcionava uma possibilidade de identificação.

A admiração pelo professor Yves, naquele momento, se deu também pelo fato de ele ter lido e comentado praticamente todos os trabalhos que foram aprovados para apresentação. Esse esforço do professor Yves, de ler e comentar todas as pesquisas, colaborou nesse sentimento de pertencimento a um grupo e de importância sentido pelas pessoas ali presentes. Sobre esse aspecto o entusiasmo é percebido no seguinte relato:

[QRCA de] 2018 foi uma conferência muito profunda, o Yves trabalhou demais [...]. Ele leu o trabalho de todo mundo, ele comentou o trabalho de todo mundo [...]. Então, isso fez com que as pessoas falassem: cara, **essa conferência vale a pena** [...]. E todo mundo num fórum aberto conversando. Então, esse clima foi criado desde o início, **todo mundo colaborando e todo mundo estava ali pra crescer junto**.

Os relatos, em todas as entrevistas, evidenciam a percepção de que foi nesse primeiro encontro que se constituiu a comunidade ou a rede QRCA, como dizem. Mesmo essas duas palavras, comunidade e rede, tendo significados diferentes etimologicamente, elas tratam da mesma coisa e abarcam os mesmos sentimentos que envolvem os entrevistados e entrevistadas ao falarem sobre o QRCA. É interessante ressaltar que mesmo quem não

participou dele entende o primeiro encontro de 2018 como o marco inicial da comunidade, sobretudo devido ao clima de pertencimento e de identidade que foi construído.

Ao considerarmos a percepção das pessoas entrevistadas sobre o início do QRCA e os elementos que caracterizam a comunidade de prática, como o engajamento mútuo, o empreendimento conjunto e o repertório compartilhado (Wenger, 1998). Assim, confirmamos os vínculos entre a prática e a teoria que sustenta a pesquisa. Os relatos apontam que foi por meio do engajamento mútuo e dos diferentes esforços empreendidos pela professora Silvia Casa Nova, pelos professores Yves Gendron e André Aquino, e pelos outros membros que participaram na organização do evento, entre eles e elas, citados pelos entrevistados e entrevistadas, como o professor João Paulo Resende de Lima, as professoras Elisabeth Vendramin e Sandra Maria Cerqueira da Silva, que juntos produziram um empreendimento aceito por muitos pesquisadores e pesquisadoras qualitativos da área contábil. Todos e todas estavam, naquele momento, carentes de um lugar e de um espaço em que se sentissem acolhidos, pudessem trocar experiências, e possibilitasse assim buscar por um aprendizado através das diferentes práticas realizadas.

A experiência positiva desse primeiro encontro do QRCA resultou em um repertório que é de todos e que se constitui em recursos que foram criados e estão à disposição da comunidade. A fala de uma das entrevistadas resume bem tudo isso, ao dizer que *“talvez eu esteja envolvida pelo **sentimento de acolhimento** que foi a primeira edição do QRCA, e eu seja muito viesada por isso, porque realmente foi muito, muito humano o negócio”*. Falas similares ressaltam a importância da comunidade QRCA e evidenciam como seu surgimento foi relevante para que houvesse um espaço no qual, não só os pesquisadores e pesquisadoras que já trabalham com pesquisa qualitativa interpretativa e crítica, mas também aqueles e aquelas que tinham interesse ou curiosidade acerca desse tipo de pesquisa pudessem se reunir e, assim, aprender, trocar experiências e unir forças com o objetivo de fomentar a pesquisa contábil qualitativa crítica e interpretativista no Brasil e em alguns outros países da América Latina. Por isso, argumentamos que nesse momento nasce uma comunidade de prática paradigmática, em que as pessoas se reúnem em torno da busca de um aprendizado comum.

Caracterizada a constituição e a percepção das pessoas entrevistadas sobre a comunidade QRCA, a próxima categoria de análise a ser evidenciada é a da participação e reificação das pessoas dentro da comunidade. Procuramos, com base na análise dos relatos das pessoas entrevistadas, compreender como se deram suas participações, como elas foram (re)significadas, e como determinados momentos foram reificados e colaboraram na formação de suas identidades e trajetórias de pesquisa.

4.2 Participação e reificação sobre a comunidade QRCA

Por meio da participação nas atividades de uma CoP seus membros constroem um entendimento comum sobre o que ela representa e o que significa para suas vidas, tanto dentro quanto fora da comunidade. Já a reificação procura dar forma ao complexo processo que envolve o fazer, o conversar, o pensar, o sentir e o pertencer. É a objetificação de nossas experiências, a partir de um processo de materialização no qual estão incluídos a percepção, a interpretação, o projetar, o representar, o uso, o reuso, o dizer, entre outros aspectos que dão concretude ao que é abstrato. Como destaca Wenger (1998, p. 62), *“a participação e a reificação não podem ser consideradas de forma isolada. Elas formam um par. Elas formam uma unidade nas suas dualidades. Para entender um é necessário entender o outro”*.

Com o intuito de demonstrar como ocorreu o processo de negociação de significados, por meio da participação e da reificação realizadas pelos(as) entrevistados(as) nesta pesquisa, são evidenciadas a seguir alguns trechos das falas que ressaltam a importância das práticas, do processo de participação e de reificação na comunidade QRCA. O primeiro relato selecionado evidencia como foi para um dos entrevistados participar do QRCA pela primeira vez. Ele expressa a sua surpresa ao perceber que existia um grupo de pessoas organizadas que produziam conhecimentos a partir da pesquisa alternativa em contabilidade.

Eu fiquei sabendo do QRCA no primeiro ano do doutorado. Então, na disciplina de pesquisa qualitativa, a Fernanda, ela indicou o evento [...] E aí houve a possibilidade não só de participação do congresso, mas de participar também como colaborador, no processo de organização do evento, organização das salas e acesso aos professores etc. **E aí foi nesse momento que eu percebi que existia uma comunidade interpretativa e crítica em contabilidade**, sabe. [...]. **E aquilo foi uma surpresa pra mim** porque eu vi que era muita gente, de ambientes muito distintos. Então, **não existia uma barreira nacional ou transnacional dentro do QRCA. E existia um interesse em conjunto de organização, sabe.**

A reificação está apoiada na fala de todas as pessoas entrevistadas, independentemente de suas trajetórias acadêmicas, envolvimento e engajamento com a rede. No sentido de objetificar a experiência, dando concretude ao processo complexo de sentir e pertencer, a reificação é identificada no relato do mesmo entrevistado que cita:

Foi uma explosão assim na minha cabeça, porque eu vi que, caramba, existe, existem pessoas que estão empenhadas em tornar esses conhecimentos, essas possibilidades teóricas, analíticas e conceituais em um processo factível, sabe? Então, esse foi o meu primeiro contato com o QRCA. Então, foi no momento que, **pô, eu encontrei o meu lugar dentro da contabilidade**. [...] eu lembro que eu recebi avaliações muito cordiais tanto da avaliação por pares, como na avaliação dos meus colegas na apresentação da conferência. Mas, o que mais eu lembro, assim, bem, desse processo **é as pessoas validarem o conhecimento que eu estava produzindo, sabe**. Então, elas reconhecerem que aquilo tinha validade, que fazia sentido e aquele era um ambiente onde eu poderia discutir essas inquietações.

Além desse primeiro momento em que o entrevistado conhece a comunidade e participa da organização de algumas atividades, tendo, portanto, uma percepção de reconhecimento e pertencimento, em um segundo momento ele descreve como foi participar de outras atividades e como sentia que havia uma iniciativa da comunidade de incluí-lo em diferentes práticas. Ele destaca também o acesso a outras pessoas que também participavam do QRCA. Como ressaltam Lave e Wenger (1991), a participação periférica legítima permite uma forma de se falar sobre as relações entre novatos e experientes e sobre atividades e identidades. O caráter periférico da participação, como revela a fala do entrevistado, demonstra a diversidade de relações que podem acontecer na comunidade de prática, assim como as diferentes formas de pertencimento que são construídas.

Os relatos anteriores, que reafirmamos é consenso entre todas as pessoas entrevistadas, evidenciam como o processo de identificação pode aumentar gradativamente. Dessa forma, um membro periférico, aos poucos, amplia sua participação na comunidade de diferentes formas, ao mesmo tempo em que estabelece relacionamentos. Esses aspectos denotam o dinamismo da construção das relações no âmbito das comunidades de prática, que se transformam o tempo todo. A importância das práticas estabelecidas pelo QRCA para a aprendizagem e sentimentos de acolhimento aparecem no relato de uma outra entrevistada ao destacar que **“eu aprendo muito e que eu me sinto acolhida, entendeu? Acho que as críticas são importantes, eu aprendi a tomar críticas assim. Ah sim, sempre críticas muito construtivas”**. O acolhimento e aprendizado percebidos nessa fala vão ao encontro do que é descrito sobre o QRCA no seu *site*, que salienta que as pessoas ao participarem das atividades **“se beneficiarão de uma respeitosa interação e do oferecimento de comentários construtivos”** (QRCA, 2023). As falas da entrevistada apontam que a construção do ambiente como é proposta no sítio da Internet da rede QRCA acontece na prática.

Ainda em relação ao aprendizado através das práticas realizadas, e já entendendo o QRCA como uma CoP, outra entrevistada enfatiza o papel das atividades desenvolvidas nas conferências, como os painéis, a reunião com editores e editoras e os *workshops* e oficinas como práticas relevantes dentro da rede, evidenciando como elas colaboram no sentido de manter conectadas as pessoas inseridas na comunidade e transitando em seus entornos, como participantes periféricos. Sobre isso, a entrevistada, em dois momentos, comenta:

[1] Então esses painéis ajudaram muito. As atividades da conferência, pra além da apresentação de *paper*. Então, isso é que eu acho, é o mais rico, né? Você encontrar ali um editor falando quais

são os interesses, o que ele quer, como é que ele vê, como temática. Isso contribuiu muito. [...] **Eu acho que isso deu uma fomentada boa.** Porque você meio que se espelha, né. Tem um processo de espelhamento, de reconhecimento. Você saber que é possível.

[2] uma coisa que talvez o QRCA faça, que **consolide um espírito de comunidade e prática, sejam aqueles workshops.** Vamos usar o sistema tal, vamos aprender um método tal. Esses workshops dão uma noção de: vamos aprender a fazer, que é muito positivo. Eu acho que essas atividades elas ajudam as pessoas a entenderem que é possível pertencer a essa comunidade. Mas eu acho que a dinâmica desse campo em relação a qualidade do trabalho, a manutenção. Quem entra, quem sai, quem fica. [...].

Nas falas apresentadas, o entrevistado que comenta sobre sua primeira participação no QRCA e seu sentimento de pertencimento; a entrevistada que relata sobre como tem aprendido e se sentido acolhida; e a outra entrevistada que ressalta os *workshops* e comenta sobre a participação periférica, nota-se a convergência no sentido de evidenciar a preocupação da comunidade para com seus membros, sobretudo os periféricos, a fim de mantê-los inseridos e de contribuir para que cresçam dentro da comunidade, ou seja, estão em linha com o proposto por Lave e Wenger (1991).

Outros entrevistados e entrevistadas também compartilham dessa preocupação e ressaltaram o papel de outras práticas desenvolvidas na comunidade como, por exemplo, os *webinars* e seminários *online* que aconteceram fora dos encontros anuais do QRCA e que geralmente permitem a interação da audiência via *chat*. Ao convidar diferentes palestrantes, abordar temas diversos relacionados à pesquisa qualitativa crítica e interpretativa, as pessoas organizadoras conseguiram agregar a comunidade, evitando sua dispersão nos momentos entre os eventos principais, tornando os diálogos mais constantes.

O sentimento de que a comunidade acolhe os pesquisadores e as pesquisadoras que a procuram está presente na fala de outra entrevistada que comenta sobre como as pessoas que estão à frente do QRCA são abertas a novos participantes e que todos têm espaço na comunidade: *“As pessoas que estão à frente do QRCA, elas estão sempre muito abertas. Então, se você chega e fala, olha, eu tô aqui e eu quero participar das reuniões, eu quero me envolver, você vai ter espaço”*.

A abertura e o acolhimento permitem que diferentes níveis de entrosamento aconteçam, a depender do interesse e disponibilidade das pessoas que se achegam à comunidade. Assim, há a possibilidade de que diversas práticas sociais sejam estabelecidas na comunidade, nas quais o pensamento e a ação das pessoas vão aos poucos compondo suas identidades. A construção da identidade dentro da CoP carrega aspectos fundamentalmente sociais das relações entre sujeitos que se veem pertencentes à comunidade e combina múltiplas formas de participação, que junto com a reificação, são manifestados por meio dos discursos e estilos de ser e fazer da comunidade. Os relatos das pessoas membros e membras da rede QRCA declaram seu significado sobre o mundo e para o mundo, expressando suas formas de relacionamentos e suas identidades.

Algumas das pessoas entrevistadas, ao expressarem suas percepções sobre o QRCA e sobre a pesquisa qualitativa, reificam, de certa forma, seus sentimentos e evidenciam como suas participações na comunidade foram e são importantes para a consolidação de suas trajetórias. Sobre esse aspecto o recorte da fala de uma entrevistada revela sua percepção de que a aceitação da pesquisa contábil qualitativa no Brasil veio a partir das práticas e dos encontros realizados pelo QRCA, e que a sua participação nessas práticas a levaram a se sentir mais confortável em orientar uma pesquisa qualitativa:

Eu percebo que existe hoje para a pesquisa qualitativa **em termos de aceitação, pra mim ela veio muito forte dali** [do QRCA], sabe. E ali acho que as portas se abriram e aí obviamente ali professores, orientadores de programas, tinham alunos, né. Então, se eu já tô mais confortável enquanto orientadora, eu já posso permitir uma tese, uma dissertação nessa linha [...].

Na fala de outra entrevistada, há um enaltecimento do QRCA, da possibilidade de compartilhamento de interesses e de crescimento, tanto individual quanto coletivo. A

entrevistada comenta também, como as práticas das quais ela participou contribuíram para seu aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Creio que o QRCA tem crescido muito, através dos encontros, das perspectivas, dos temas, das pessoas que encontramos e **da troca de imaginários. Esse último que estou mencionando, não sei nem que palavras utilizar, foi uma coisa maravilhosa.** As pessoas, essa colegagem... [...] falar de temas em que você se sente apoiado e ali se encontram todos para compartilhar seus interesses, então **é um crescimento pessoal e coletivo ao mesmo tempo.**

Essa entrevistada ressalta ainda, nesse segundo trecho, o papel importante das mulheres na comunidade e de como em alguns momentos essa rede, que ela considera de apoio, tem ajudado nas suas dificuldades pessoais e profissionais.

A comunidade tem me proporcionado muito aprendizado, como nas questões metodológicas, questões de gênero e em muitos temas importantes. [...]. É uma rede de apoio muito grande! Quando estou com dificuldade no trabalho ou com alguma questão pessoal, eu as procuro e peço a sua opinião. [...] principalmente a [nome de uma pessoa do núcleo central do QRCA] que foi minha conselheira na minha tese de doutorado [...].

Nos excertos de falas recortados há um nítido processo de reificação, no qual as experiências vividas na comunidade e fora dela, mas em razão dela, possibilitam diversas negociações de significados que tem como consequência uma transformação do seu próprio ser, que resulta em novos aprendizados e novos saberes. Sua participação na comunidade e suas percepções e sentidos atribuídos sobre sua participação fazem com que os aprendizados sejam incorporados, mudando seu entendimento de mundo e sua prática sobre ele.

Como um último exemplo de reificação a partir da comunidade QRCA trazemos um trecho da fala de um entrevistado que procura caracterizar como sua participação nas atividades realizadas pela comunidade foram importantes na sua trajetória pessoal e profissional, em convergência com os demais relatos.

O QRCA influenciou muito fortemente a minha carreira porque me apresentou muitas pessoas. Então, a exposição que eu tive no primeiro ano me trouxe muita visibilidade, legitimidade, e isso abriu muitas portas. [...] **vejo minha evolução durante os QRCA**, conheci muita gente por causa dos painéis, por causa dos e-mails, das palestras, das organizações. **Então, tem sido uma experiência transformadora.** Tanto acadêmica quanto pessoalmente.

A escolha das palavras que o entrevistado utiliza para descrever o impacto que as suas interações no QRCA tiveram na sua trajetória denota a centralidade da comunidade em suas experiências profissionais e pessoais: fortemente, visibilidade, legitimidade, evolução, transformadora e significativa. O conjunto das entrevistas demonstra uma compreensão compartilhada de que os caminhos trilhados até momento no QRCA, apesar de ser uma comunidade relativamente recente, transformaram de diferentes maneiras as trajetórias profissionais e as experiências de vida de seus participantes. Assim, indicam a importância que o QRCA possui na construção de um campo de pesquisa qualitativa, crítica interpretativa, na contabilidade. Sendo assim, as práticas desenvolvidas na comunidade, a valorização da participação das pessoas entrevistadas, os processos de reificação que materializam os sentidos da comunidade em suas trajetórias e os imaginários formulados sobre o QRCA se associam com identificações positivas do pertencimento a essa comunidade, considerada como capaz de transformar as práticas de pesquisa e as relações pessoais.

5 REFLEXÕES FINAIS

A participação em uma comunidade de prática paradigmática atua, ao mesmo tempo, na construção coletiva de conhecimento e na formação individual de seus integrantes. Esse fato se dá porque há uma retroalimentação, mediada pelas práticas, entre o funcionamento geral do grupo e a participação individual de cada pessoa, que extrapolam os limites do que acontece no interior da própria comunidade. É nesse sentido que Wenger (1998) ressalta que os valores e os significados compartilhados na comunidade de prática transformam as pessoas e suas vidas a partir da identidade e do pertencimento. Partindo desse entendimento,

buscamos compreender os elementos que caracterizam uma CoP voltada para o debate paradigmático acerca da pesquisa qualitativa crítica e interpretativa na contabilidade.

Diante das limitações do pensamento positivista, que não dá conta de oferecer respostas para a diversidade de questões sociais que caracterizam a contemporaneidade, nosso interesse de pesquisa recaiu na prática científica de autores e autoras que buscam incorporar as perspectivas crítica e interpretativista na pesquisa contábil. Desta forma, selecionamos como objeto de pesquisa a rede QRCA, que realiza diferentes atividades de forma a oferecer espaços e fóruns para debater e promover a pesquisa qualitativa crítica e interpretativa no âmbito da contabilidade, na América Latina, desde 2018.

Em concordância com os estudos apresentados nesta pesquisa, entendemos que as práticas realizadas a partir da rede QRCA podem ser consideradas como potencializadoras da ampliação do espaço das pesquisas qualitativas críticas e interpretativas na contabilidade, visto que elas ainda são marginalizadas perante o *mainstream* contábil, quando considerado o contexto sócio-histórico da região [América Latina]. Igualmente entendemos que a rede QRCA efetivamente se constituiu como uma comunidade de prática paradigmática de pesquisa interpretativa e crítica em consolidação no âmbito da pesquisa contábil latino-americana. A rede vem realizando eventos desde 2018, e dessa forma conseguiu engajar pesquisadores e pesquisadoras em torno de um interesse comum: o de desenvolver pesquisas interpretativas e críticas na contabilidade, proporcionando tanto a troca de aprendizados quanto a criação de identidades pessoais e profissionais a partir da participação nessa comunidade.

Os achados demonstraram que desde os primeiros contatos com as atividades da rede QRCA, os pesquisadores e as pesquisadoras entrevistadas relataram uma forte identificação com os propósitos do grupo e a impressão de que, finalmente, tinham encontrado seu lugar na academia em contabilidade. A participação na comunidade leva à reificação das práticas e de seus sentidos na vida desses pesquisadores e pesquisadoras, que, então, relatam sentir que a rede QRCA ampliou seus horizontes e o próprio horizonte da pesquisa interpretativa e crítica na contabilidade brasileira, particularmente, e latino-americana, de forma mais abrangente.

Esta pesquisa contribuiu, portanto, para a identificação de um campo alternativo de pesquisa contábil que se mostra em construção, indicando avanços epistemológicos produzidos a partir da constituição de uma comunidade de prática paradigmática. Os resultados deste trabalho revelam que a participação na comunidade de prática paradigmática alavanca tendências de desenvolvimento de pesquisas críticas e interpretativas em contabilidade. Esses paradigmas de pesquisa, então, passam a ganhar espaço e credibilidade. No entanto, o caminho de superação da hegemonia do pensamento *mainstream* ainda precisa ser trilhado, para que se alcance uma maior diversidade em pesquisa.

No entanto, a transformação da pesquisa contábil é acompanhada de uma série de desafios que perpassam as práticas de uma comunidade que se pretende insurgente diante das epistemologias tradicionais e conservadoras. A presente pesquisa se dedicou a estudar a rede QRCA. Outras redes e grupos, com características distintas, podem ser objeto de estudo, como, por exemplo, os grupos que se reúnem em torno de temáticas, caso da Contabilidade Ambiental e da Conferência Sul-Americana em Contabilidade Ambiental (CSCA). Por outro lado, não é sem embates e resistências que a rede QRCA, como comunidade de prática, vai se constituindo como um espaço capaz de ampliar o escopo das discussões na academia em contabilidade na direção de pesquisas críticas e interpretativas. Dessa forma, os embates, resistências e conflitos tornam-se categorias necessárias para investigações futuras a fim de compreender as potencialidades e possibilidades de consolidação da rede QRCA como uma CoP paradigmática latino-americana em pesquisa contábil interpretativista e crítica.

REFERÊNCIAS

Baker, C. R., & Bettner, M. S. (1997). Interpretive and critical research in accounting: a commentary on its absence from mainstream accounting research. *Critical perspectives on Accounting*, 8(4), 293-310. <https://doi.org/10.1006/cpac.1996.0116>

- Bilhim, J. A. F., & Gonçalves, A. O. (2021). Abordagens epistemológicas e pluralismo na pesquisa em contabilidade: para além do paradigma dominante. *Public Sciences & Policies*, 7(1), 28-44.
- Chua, W. F. (1989). Radical developments in accounting thought. *Accounting review*, 601-632.
- Ferreira, T. B., Helal, D. H., & De Paiva, K. C. M. (2015). Artesanato, aprendizagem social e comunidade de prática: um estudo com rendeiras em Alcaçuz (RN). *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 12(1). <https://doi.org/10.54399/rbgdr.v12i1.2120>
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139-152.
- Gendron, Y. (2018). On the elusive nature of critical (accounting) research. *Critical Perspectives on Accounting*, 50, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2017.11.001>
- Homero Junior, P. F. (2017). Paradigma e ordem do discurso da pesquisa contábil brasileira. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 10(1), 39-53.
- Hopper, T., Powell, A. (1985). Making sense of research into the organizational and social aspects of management accounting: a review of its underlying assumptions. *Journal of Management Studies*, 22(5), 429-465.
- Ipiranga, A. S. R., Faria, M. V. C. M., & Amorim, M. A. (2008). A comunidade de prática da rede nós: colaborando e compartilhando conhecimentos em arranjos produtivos locais. *Organizações & Sociedade*, 15, 149-170.
- Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning, legitimate peripheral participation*. Cambridge: University Press.
- Lourenço, R. L., & Sauerbronn, F. F. (2016). Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(28), 99-122.
- Magrini, V. O., Santos, G. C., Silva, M. A., & Soares, E. C. (2022). Análise epistemológica do 3º Congresso UFU de Contabilidade. *Revista Mineira de Contabilidade*, 23(3), 10-23.
- Magrini, V. O. *Constituição de uma comunidade de prática paradigmática interpretativa e crítica em pesquisa contábil: um estudo sobre as potencialidades e desafios do QRCA – Qualitative Research And Critical Accounting*. (2023). Tese (Doutorado em Ciências Contábeis), UFU, Uberlândia.
- Major, M. J. (2017). O positivismo e a pesquisa ‘alternativa’ em Contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28(74), 173-178. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201790190>
- Power, M. K., & Gendron, Y. (2015). Qualitative research in auditing: a methodological roadmap. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 34(2), 147-165. <https://doi.org/10.2308/ajpt-10423>
- Qualitative Research and Critical Accounting [QRCA]. 2023. *Apresentação*. Recuperado de <https://qrca-net.org>.
- Rodrigues, J. M., Borges, E. F., Silva, C. A. T., & Santana, C. M. (2010). Paradigmas na pesquisa contábil no Brasil: um estudo epistemológico sobre a evolução nos trabalhos de programas de pós-graduação em ciências contábeis. *ConTexto - Contabilidade Em Texto*, 11(19), 21-30.
- Silva, H. F. N. (2004). *Criação e compartilhamento de conhecimento em comunidades de prática: uma proposta metodológica*. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção), UFSC, Florianópolis.
- Smith, M. (2011). *Research methods in accounting*. London: SAGE Publications.
- Vogt, M., Silva, M. Z., & Valle, I. R. (2021). “Comendo pelas beiradas”: vigilância epistemológica e a abordagem Bourdieusiana no campo contábil. *Cadernos EBAPE. BR*, 19, 58-69.
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wenger, E. (2000). Communities of practice and social learning systems. *Organization*, 7(2), 225-246. <https://doi.org/10.1177/135050840072002>
- Zaccarelli, L. M. (2011). *Narrativas de aprendizagem em uma Comunidade de Prática*. 147 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

ⁱ Um interessante resumo descritivo de todas as edições do CCG pode ser consultado em: <http://www.ccg.unb.br/edicoes-antiores>

ⁱⁱ Yves Gendron é um acadêmico da área contábil na Universe Laval, no Quebec, Canadá. É um pesquisador crítico qualitativo, amplamente conhecido por seus estudos em governança corporativa, responsabilidade social e legitimidade profissional de auditores. Ele também é um dos editores da revista *Critical Perspectives on Accounting* (CPA).